



Memória e seu estatuto político em estudos sobre a cidade

Danichi Hausen Mizoguchi¹

Resumen:

A constatação do caráter eminentemente político da memória na produção de Walter Benjamin – um novo conceito de história - efetua uma núpcia sutil: cidade e memória. Dado que a rememoração e a urbanidade extrapolam o biográfico, as batalhas da memória e da cidade são tomadas como modulações de uma experiência comum. Experiência de memória que nunca pode ser ensimesmada e que, portanto, é sempre política. Experiência de cidade que faz duvidar de términos quaisquer e que, portanto, deixa passar em si mil temporalidades em confronto e arranjo.

Nas cidades engendradas atualmente os riscos de tais considerações averiguam-se com força. Onde o novo é construído, o é como efeito de uma batalha que supostamente faz aniquilado o velho. São, por exemplo, as vidas que não se querem deixar desacomodar pelo público.

A proposta do presente trabalho é apresentar um passeio pelo bairro da Barra da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, problematizando enfaticamente os muros e grades que pululam nos condomínios fechados que lá são hegemônicos. Narrar as produções que engendram, são engendradas e escapam de tais dispositivos em sua íntima relação com aquilo que há de arriscado e amedrontador para as subjetividades capitalísticas atuais: a inconclusividade de experiências quaisquer.

¹ Doutorando em Psicologia na Universidade Federal Fluminense. Email: danichihm@hotmail.com



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Memória e seu estatuto político em estudos sobre a cidade

A constatação de um caráter eminentemente político no novo conceito de história proposto por Walter Benjamin (1994) possibilita a efetivação de uma núpria sutil: cidade e memória. Se tanto a rememoração quanto a urbanidade extrapolam o biográfico, as batalhas da memória e da cidade devem ser tomadas como modulações de uma experiência comum. Experiência de memória que, então, nunca pode ser ensimesmada e que, portanto, é sempre política. Experiência de cidade que faz duvidar de términos quaisquer e que, portanto, deixa passar em si mil batalhas temporais em confronto e arranjo de memória. Nas cidades engendradas atualmente os riscos a que tais formulações estão expostas averiguam-se com força. Onde o novo é construído, o é como efeito de uma prática que quer fazer aniquilada a possibilidade de tradição.

A proposta do presente trabalho, inspirada em um trecho do livro *Segmentariedades: passagens do Leme ao Pontal* (Mizoguchi, 2009) é, inspirado na errância benjaminiana, apresentar um passeio pelo bairro da Barra da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, problematizando enfaticamente os muros e grades que pululam nos condomínios fechados que lá são hegemônicos e sua relação com a produção de uma experiência coletiva. Ou seja, narrar as produções que engendram, são engendradas e escapam de tais dispositivos em sua íntima relação com aquilo que há de arriscado e amedrontador para as subjetividades capitalísticas atuais: a inconclusividade de experiências políticas quaisquer.

Nos idos de 1864, no livro *Memórias do subsolo*, o escritor russo Fiódor Dostoievski (2000) já tratava de criticar e debochar de utopias que ofereciam ao homem segurança e conforto ao preço de laminações subjetivas e pobreza de experiência. Destratando a sanha positivista e a adicção ao tédio do já sabido, disparava venenos sobre sujeitos para os quais a certeza matemática era o que de mais belo e sublime se poderia encontrar. O impulso perpetrado sob tais ideais – modificado em seu modo de ação ao longo do tempo – vem querendo aniquilar a produção da diferença em nome de um famigerado higienismo surpreendentemente ainda vivo.

No início do século XXI, as práticas de ordenamento, segurança e conforto direcionam a contemporaneidade da aritmética existencial sobre a qual Dostoievski



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

versava há mais de cem anos atrás. As cidades que ora se constroem não escapam dos ditames programáticos: mais ainda, os atualizam com vigor. Na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, uma trama milimétrica esquadrinha tudo e todos, mandando às favas o desassossego do encontro como potência possível da cidade.

Em um bairro feito na forma dos condomínios - quase um arquipélago urbano - quais as pequenas batalhas cotidianas ainda teriam força de consistir? Em tal contexto, de que modo a teimosia da resistência múltipla poderia se apresentar? Parece claro que o furor ordenativo dá-se quase em seu limite; um passeio errante, todavia, talvez seja capaz de escrever a paisagem quase invisível de embates entre os esquadros e as composições criativas que, mesmo com dificuldade, teimam em se dar...

Esquadros.

O turista aceitara a carona que os anfitriões lhe ofereceram. O casal - amigos dos pais - deixaria a filha mais nova na casa de uma colega de aula e então o levariam ao ponto de ônibus. O jovem universitário, novato na cidade, queria conhecer o Centro. O trajeto de automóvel - curto, seco, reto e acelerado: condomínio, avenida, condomínio - é incapaz de produzir sobressaltos. Chegando ao primeiro destino, o rapaz escuta com curiosidade e discrição as recomendações paternas à menina: "Já sabes, filha. Não esquece de nos ligar". A filha aborrecida - "sei, sei sim" - desce do automóvel, sorri para a câmera, apresenta-se ao porteiro e adentra o condomínio. O motorista engata a marcha à ré e se vai em direção ao ponto. Menos de um minuto se passa e o telefone celular da mãe toca: "Tá bom, tá bom...". Tranqüilizada, informa ao marido que a filha chegou em segurança ao apartamento da amiga. O turista pouco entende.

Na mesa do café da manhã, pouco mais de meia hora antes, lhe eram explicadas as vantagens de morar na Barra da Tijuca. Ali - diziam eles, sorridentes - a família podia viver com tranqüilidade. O playground e a piscina do condomínio ofereciam segurança à diversão dos rebentos; todo e qualquer movimento era controlado e vigiado, praticamente zerando os riscos de assaltos ou seqüestros; por fim, a mais importante e exaltada das vantagens: vivendo ali, a família praticamente não precisava ir à cidade. Àquela altura o turista já não entendia. Lembrava-se de um texto lido meses antes, o qual dizia que, na Idade Média, cidade era aquilo que se localizava dentro da área murada; todo o resto era arrabalde. Posteriormente, dizia o texto, com a derrubada das



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

muralhas, no século XVIII, tiveram lugar a ocupação extensiva, a aglomeração populacional, o convívio diário com a diferença, típico de grandes cidades. Ele perguntava a si mesmo, constrangido em comunicar a dúvida: quais os riscos a cidade oferecia àquela família? Afinal, por que tamanha determinação em fugir da cidade? As palavras soavam utópicas, quase místicas: “Vivendo aqui, praticamente não precisamos ir à cidade...”.

No chacoalhar do ônibus da volta, já ao cair do sol, o outdoor provoca: “Sorria, você está na Barra”. O riso a que a placa convoca não pôde se furtar a deixar transparecer certo desentendimento. Por que sorrir, afinal? Do muito pouco que conhecia do bairro, nada ainda impingia o turista às gargalhadas. Ele intuía, precoce: na paisagem achatada vista pelos olhos extenuados dos passageiros metropolitanos o meio mais propício de se clamar por um sorriso é mesmo o anúncio publicitário; convocava-se um sorriso-mercadoria, assim como se ofereciam bugigangas nas lojinhas do mundo perfeito da Disney. Um tanto murcho no banco do coletivo, o rapaz lembrava-se de imagens do dia passado na cidade.

Houvera caminhado bastante. Não tendo um mapa e um itinerário pré-definido, o turista propusera-se a andar sem rumo – quase perdido – pelo Centro antigo. Calçadas de paralelepípedos irregulares, cheias de história e de estórias – uma negra bantu que carregava fezes em tinas, famigerados e revoltosos cidadãos contrários a vacinas, cultos pagãos, sábias cidades da ordem e do progresso – faziam curvos os seus passos. Em estreitos becos e largas avenidas, ele adivinhava a tradição insistente das pequenas guerrilhas que ao longo do tempo construíram a mais antiga região da cidade. No ônibus, o turista pensativo lembrava-se de paredes rugosas e descascadas fazendo fundo para o reluzente terno novo do investidor da bolsa de valores, do alumínio recém posto servindo de encosto para o sono do maltratado maltrapilho. Recordava-se da malta disforme de pessoas dos mais diversos matizes: um bando de seres andando de lá prá cá. Elas batiam-se, desculpavam-se, xingavam-se, riam, conversavam. No espaço paradoxal, o sono depressivo de uns acelerava a hiper-atividade pró-ativa de outros. Ao final do passeio, acompanhados da cerveja no boteco, causos e opiniões se entrecruzavam em gritos e sussurros empapuçados. A escuta de falas que se atravessavam umas nas outras impedia a racionalidade de um discurso unísono.

Seria isso o que na cidade tanto assustava aquela família angelical? Seria a cidade do desassossego, a cidade dos ditos impossibilitados de tradução? Que medo da



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

cidade era aquele? Matutava e, pela janela do coletivo, fitava o bairro emergente. Ao observar, a impressão de que nem nada nem ninguém revidava seu olhar colocava-lhe ainda mais solitário. Via gigantescos condomínios gradeados ladeando a ancha autopista e fluxões de fluxos em velozes idas e vindas: nenhum indicativo de frestas ou porosidade. Que cidade era aquela que se construía ali? Será que aos projetistas daquelas construções também não aprazia ir à cidade? De que, afinal, o anúncio publicitário convocava a sorrir?

Um pouco adiante, uma réplica da Estátua da Liberdade na fachada de um shopping center não disparava qualquer resquício de impulso consumista. De rebote, a escultura lhe remetia a guerras imperialistas empreendidas a fim de engolir a diferença do planeta. American way of life. Estranha liberdade, pensava. O ônibus corria; o turista assistia o cenário escorrer e pensava. Via guaritas equipadas e recordava-se do amigo que fôra barrado na alfândega e deportado ao tentar visitar a Europa. Lembrava-se das viaturas policiais e suas exibicionistas metralhadoras na janela. Tais notas de uma mínima tolerância à diferença – grandiloqüentes conflitos globais, a minúcia do cotidiano - faziam-lhe supor que talvez fosse essa a cidade – lugar pleno de possíveis, turba de multiplicidade - que tanto assustava a família. Mais ainda, dava-se conta, assustado, de que o medo não era somente deles. Era um medo impessoal, o qual, circulando lépido no vácuo entre as existências, fazia a tranqüilidade das fronteiras e das defesas vigorar obrigatoriamente nas mais diversas instâncias. Divagando sobre o presente, imaginava a foto aérea do bairro – a panorâmica vista pelo olho das andorinhas que, lá em cima, tentavam fazer verão: um arquipélago urbano, com ilhas ensimesmadas defendendo-se a todo custo de sabe-se lá o quê. O turista ainda não via motivos para sorrir.

Após descer do ônibus, caminhar duas quadras na avenida das Américas e tomar as vias laterais, ele apercebe-se do vazio das ruas. Andando em direção ao condomínio onde se hospedava, chama-lhe a atenção o número diminuto de pessoas com as quais cruza. Ele bem sabia, não era por serem poucos os moradores e trabalhadores do bairro. Ao contrário – a quantidade e a altura dos prédios lhe indicavam - eles eram muitas centenas de milhares. Porém, dentro do que quer que seja – carros, condomínios, guaritas – os sujeitos, naquele exato momento, evitavam-se. O vazio da rua não se assemelhava ao bucolismo campestre. O vazio da rua era outro: na solidez segmentária de muros e grades os cidadãos tratavam de demarcar rígidos territórios existenciais. Um



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

vazio apavorado, fugidio. Ou, talvez mais do que de um vazio, tratava-se de um processo de constante esvaziamento promulgado por vidas sem transversais. Os golpes casuais de ternura e violência dificultavam-se. Compartimentadas as existências, a tensão incômoda da alteridade via-se quase impossibilitada de se atualizar.

Caminhando devagar, ele pensava sobre o tal esvaziamento. Durante o liso trajeto, nada ou quase nada que o surpreendesse. Luzes acendiam ao terem os sensores sensibilizados pela sua presença. Via as guaritas e seus vidros cobertos de películas fumê que os tornavam escuros e lhes emprestavam ares policialescos e militarizados. Vendo sem ser vistos, os porteiros vigiavam como se dos espaços vazios pudesse surgir toda sorte de demônios. Na negridão do reflexo, o turista nada podia ver além de si mesmo: imageticamente, só o que ocorria era a repetição de uma identidade. Ideava as tantas existências que porventura poderiam estar por detrás de cada camada especular e supunha que essas tais vidas o observavam com suspeita e desconfiança. Tal qual a família hospedeira, eles talvez tivessem medo de todo e qualquer desconhecido. Era esse o trabalho que colocava o pão em suas mesas.

Chegando ao condomínio, a dificuldade de adentrar já não surpreende o rapaz. O porteiro responsável pelo turno não lhe conhecia. O funcionário solicita-lhe um rol de informações e documentos – carteira de identidade, digital, fotografia – e só então interfona e comunica aos moradores que havia um rapaz querendo subir. Cada vez mais intrigado, o turista adentra a fábrica de interiores e sua linha de montagem de privacidades paranóicas.

A família angelical preparava-se para o jantar. Horas antes, durante a primeira refeição do dia, eles lhe contavam sobre as vantagens de se morar na Barra da Tijuca. Falavam sobre a maravilhosa possibilidade de não ter de ir à cidade. Após o passeio e as divagações disparadas pelos diversos encontros, o turista cogitava mais: a impossibilidade de ida à cidade. A imprevisibilidade dos encontros talvez já lhes fosse insuportável. Assistindo ao noticiário – estórias de guerras na cidade e no mundo – os pais comentavam: “A coisa lá fora não tá fácil...”.

No bloco final do programa, a notícia veio como faca amolada. Na mesma Barra da Tijuca cinco ou seis jovens haviam espancado uma empregada doméstica. A desculpa do grupo - incrivelmente posta como algo capaz de lhes safar do xadrez – foi a de que pensavam tratar-se de uma prostituta. No bairro ensimesmado, o lixo urbano



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

parecia não ter vez. As sobras – tantas, obviamente – ou sumiam no reflexo das grades ou sofriam com a fúria dos bem-nascidos.

O turista seguia curioso, intercalando hipóteses aos abalos: sem qualquer resquício de porosidade, pensava ele, zeravam-se as possibilidades de tolerância e gosto pela diferença. Temerosos e esquivos em relação ao coletivo eternamente inquieto e agitado, vagas de cidadãos apostam na solução dos coletivos-mercadoria: esqueciam-se da estreita ligação, diretamente proporcional, entre o imperativo da segurança e a despolitização. Acompanhavam via televisão e internet conflitos mudos e inodoros ao redor do mundo. Incapazes de suportar a pobreza produzida dia-a-dia no lado de fora de suas existências, tratam de exterminar, raivosos, a prestadora de serviços domésticos como se fosse - pasmem – uma meretriz.

O turista agora já entendia um pouco mais. Ensimesmada, a família fechava-se em uma das tantas prisões às avessas do bairro. Cercava-se, protegia-se. E não era só ela. Na sutileza rude do segmento engendravam-se, no limite, arrogantes espancadores da alteridade. Em violentos discursos micro-fascistas, uma história plena de ódio era escrita nos anais do presente. A fome de limites territoriais nunca era saciada, e pretendia-se defender a repetição do mesmo com unhas, dentes e cacetetes. A hipótese cada vez era mais clara: talvez o grande perigo da cidade fosse justamente o pulular de relações que se fazem incessantemente e inesperadamente, sem qualquer coerência ou lógica. Abdicando da cidade, faziam com que a cidade obrigatoriamente abdicasse deles. Com a desistência de compor algo comum com outros cidadãos, a surpresa do fora se esvaziava. O rapaz entendia um pouco mais, e não tinha vontade de sorrir.

Já na cama, devaneando antes do sono vir, o jovem turista imagina a cena. Em um quarto excessivamente limpo – sanado de tudo que é resto ou resquício de história – o vazio do tédio impera. No guarda-roupa do quarto organizado por um velho obsessivo, cada peça de roupa tem um lugar determinado e específico. Altas da madrugada, apavorado, imagina o idoso: “Vai que as camisas de flanela se misturem com as calças sociais... Vai que as meias sejam postas junto aos calções...”. Temeroso das misturas, ele, quase em pesadelo, quase em surto, ordena tudo. Possível personagem de qualquer literatura barata, o sujeito segmenta a mobília até não mais poder. No



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

limite, ele sonha criar um bairro inexistente na zona oeste de uma cidade também inexistente. Findando a cena e quase dormindo, só então o rapaz, debochado, consegue sorrir.

Sopros.

Na edição dominical do jornal a charge debochada de Luis Fernando Veríssimo faz pensar. Na beira da praia, o neto pede ajuda: “Vô, me ajuda a fazer um condomínio fechado na areia?”. A contemporaneidade – as infâncias por ora produzidas, a criança na beira da praia – parece dirigir a construção de tal modelagem arquitetônica evitativa. Na seqüência inexistente da charge, todavia, poder-se-ia imaginar o mar, inevitável, invadindo em vagas os grânulos e desfazendo os muros do condomínio de areia. Faceiro ou choroso, talvez o menino conclua que há algo que não tem governo nem nunca terá. Na cidade estriada, pequeninos processos de alisamento também insistem e desafiam os sólidos esquadrinhamentos. Eles não podem ser muitos. Ocorrem sôfregos. Mas, ainda, ocorrem.

Na praça quase deserta, três gerações da mesma família põem-se a confabular. O avô quer continuar a levar a neta à praça. A mãe da criança diz que é perigoso e quase implora para que se divirtam no condomínio. Subindo e descendo sozinha na gangorra, a criança pede que assistam suas hábeis estripulias. Diz que quer ficar. Os adultos falam de dois tempos da mesma cidade: do olhar confiante e orgulhoso de outrora ao olhar arisco e temeroso de agora. O mais velho quer continuar ali; irônico, diz nunca ter gostado de prisões: “Uma prisão toda feita em ouro é ainda uma prisão”, diz, sábio e piegas. A mãe da menina ainda tenta repetir os velhos argumentos em prol da segurança. Desiste, vencida. Na última frase da conversa, dá-se o direito de dizer: “Se acontecer alguma coisa com ela, já sabe...”. A menina sobe e desce no brinquedo, feliz da vida, sorrindo e berrando: “Olha mãe! Olha vô!”. O avô resolve apostar e manter-se com a neta no espaço público. Alguns minutos depois, a sobrinha da empregada de outro condomínio aparece para brincar na praça. Acanhada, a recém chegada pede para brincar junto. Um tanto contrariada – desconcertada, temerosa e quiçá maravilhada com a presença da estranha -, aceita a companhia. Agora o que lhe faz subir e descer na



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

ganga é o impulso e o peso da desconhecida. A força interventiva da outra obriga ambas a reinventarem um novo ritmo no brinquedo. Elas sobem, descem, coadunam-se e se desentendem. Ora destratam-se, ora deliciam-se. Novamente, a neta grita: “Olha, vô!”. O avô, satisfeito, testemunha o vívido encontro promovido pela composição de um par nervoso e desigual para além das tais prisões douradas. O turista, sentado no banco na quina do largo, aprecia a cena. Lembra do velho e de seu roupeiro – o desespero da identidade -, e, novamente - mesmo que nenhum outdoor lhe peça - sorri.

Em uma sinaleira próxima à praça, meninas bem apessoadas distribuem panfletos na hora do rush: “No melhor local da Barra, segurança para você e para sua família”; “Playground completo; escola de inglês; supermercado: tudo para você não precisar sair daqui”. Aproveitando a carona, o turista observa e pensa: nos momentos de freio dos sujeitos em seus automóveis, a publicidade abocanha engrenagens de desejos. Pequenas nesgas de papel resgatam as metas vigentes no bairro: segurança, tudo para você não precisar sair daqui, dizem e repetem os anúncios. Mas, nas mesmas sinaleiras, outros profissionais ganham a vida. Nas concorridas encruzilhadas, malabaristas autodidatas apresentam sua arte. Arte essencialmente urbana, justamente por se dar distante da interioridade dos shoppings nos quais os teatros são construídos. Sentado ao lado da irmã – no banco de trás do carro onde o turista flanava acelerado - um gurizote de cinco ou seis anos arregala os olhos e surpreende-se com a agilidade do rapaz que joga bolas para cima com os olhos vendados. Evidentemente sem uma pataca no bolso, quando o jovem passa ao lado do carro solicitando gorjetas, o menino abre o vidro e estabelece outra troca. Um pequenino encontro que vai distante de toda e qualquer mercantilização ou previsão: ele agradece e informa ao artista o quanto gostou do espetáculo. A sinaleira já abriu, o motorista já arrancou, e o pacífico encontro já se deu. Deslumbrado, o menino vai até o condomínio falando sobre o que vira. Quem seria aquele anti-herói que batalha na fugacidade do sinal fechado?, indagava.

Em outra sinaleira, em outro dia, o menino outrora agradecido e ainda ingênuo quanto às benesses da urbe sente o boné de grife ser-lhe arrancado da cabeça. De chofre, ainda consegue assistir a desabalada carreira do gatuno. Em breves e estridentes segundos, histórias são obrigadas a confrontar-se, atravessando-se uma na outra. O menino roubado não chora – mimado, tem a plena convicção de que outro chapéu lhe será regalado. Mais que resmungos, o inusitado choque lhe dispara paradoxais questões infantis: ele quer saber porque a polícia não estava lá naquele instante; quer saber,



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

também, como foi que aquele menino pode ocupar o mesmo espaço que ele; indaga quem é aquele menino, para além de um pequeno furto; será que ele vai parar atrás das grades? Sagaz, indaga, por fim: o que haveria de comum entre eles? Curioso, o menino sente no corpo a cidade e sua potência de atravessamento. No rádio do carro, Belchior soava mais provocador do que nunca cantando que viver é melhor que sonhar.

O mesmo olho aturdido – quase insensível, tantas são as imagens quase repetidas que lhe surgem instante a instante - dobrando-se e se desdobrando ante a arte e a fuga, produz-se no desassossego. O artista já não era a atração do programa de televisão. O fugitivo já não era mais o personagem mau do longa metragem de animação visto no dvd. Na imagem de tantas retinas, construía-se a cidade do filhinho de papai, do malabarista e do ladrão. Quando o anjo ingênuo perde suas asas e adquire uma história, passa a compor-se de transversais. É então que, para além de muros e grades, erige-se uma cidade - ou várias cidades.

Em sua última manhã na cidade, lagarteando no Pontal, o turista fita o horizonte. Em primeiro plano, a geometria euclidiana e a geografia insular dos condomínios da Barra da Tijuca. Em segundo plano, a indecisão curvilínea de um relevo quase impossível: Pedra da Gávea, morro Dois Irmãos e tantas outras dobras. Ele percebe a metonímia dos embates urbanos: a rixa entre a retidão evitativa do ferro e os tortuosos encontros inusitados da pedra – o intrincado jogo entre o cristal e a chama. Vendo as montanhas solaparem a imagem das moradas, aposta alto no primado dos desgovernos. Ele entende um pouco mais dos sorrisos postos à venda, de contraditórias liberdades, de privacidades paranóicas. Ele também entende um pouco mais de algo que há a ser feito – e do que, na invisibilidade do detalhe, talvez já esteja sendo posto em prática.

Entrementes, menos do que porem-no mais sabido, os entendimentos impingiram-lhe mais e mais questões. O turista despede-se do bairro ainda mais interrogativo do que chegou. Vendo a maré altear e desfazer barreiras de grãos de areia, pela última vez, sorri.

Referências.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* Editora Brasiliense, São Paulo, 1994.

Dostoievski, Fiódor. *Memórias do subsolo.* Ed. 34, São Paulo, 2000.

Mizoguchi, Danichi Hausen. *Segmentariedades: passagens do Leme ao Pontal.* Editora Plêiade, São Paulo, 2009.